

MACIEL NEGA MORATÓRIA

André Stumpf
Da equipe do **Correio**

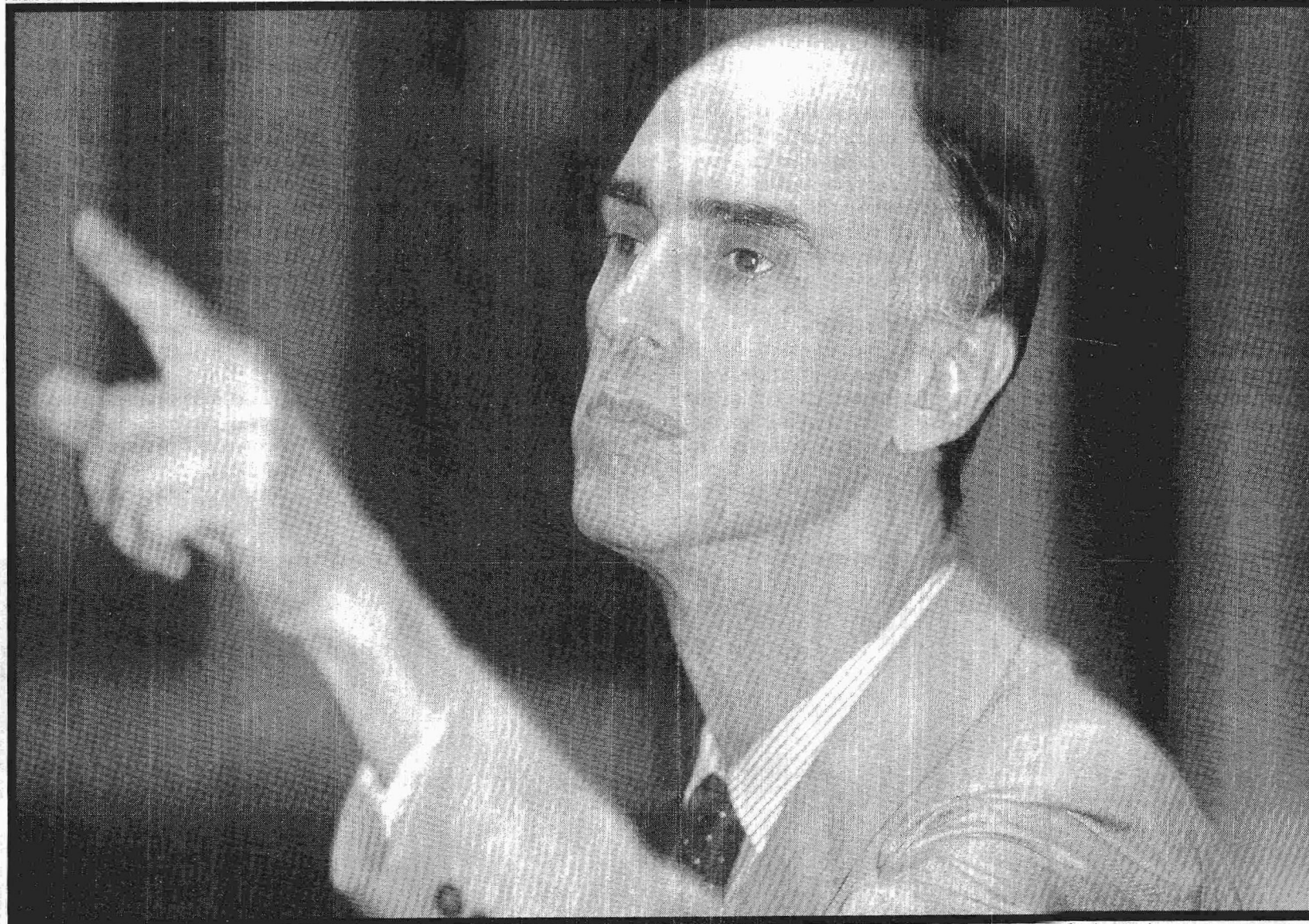
Há algum tempo, o vice-presidente Marco Maciel e sua mulher, Ana Maria, viajaram para a Europa. Foram num Boeing 747, o Jumbo. No meio do Atlântico ocorreu uma forte turbulência. O avião jogou muito e o comandante anunciou, pelo sistema de som, que aquele desconforto duraria 40 minutos. Ao longo desse período o serviço de bordo seria suspenso e os passageiros deveriam ficar sentados com o cinto de segurança devidamente colocado.

Passados os 40 minutos, o avião se estabilizou, o serviço de bordo começou e os passageiros começaram a andar nos longos corredores do Jumbo. Subitamente, a turbulência começou. Garrafas e copos quebraram. E muita gente se machucou. Um passageiro bateu com a cabeça no teto e quebrou um braço na queda. A conclusão do vice-presidente é a de que o comandante perdeu a credibilidade. Ele compara o turbulento vôo daquele Jumbo ao Brasil de hoje.

"Estamos em plena turbulência. Não adianta fingir que as coisas não estão difíceis. Mas não é possível marcar um prazo para o fim dos problemas. Vamos conduzir o país em segurança a um porto seguro. Deveremos passar por alguns sustos até que o dólar se estabilize e o país encontre sua normalidade. Em todos os países que passaram por problema semelhante foi assim. O dólar disparou e depois recuou", disse o vice-presidente ao **Correio Braziliense**.

Marco Maciel, que mantém um estreito contato com Fernando Henrique Cardoso, entende que o presidente do Brasil é um dos políticos

André Corrêa 25-5-98



Maciel: "Não adianta fingir que as coisas não estão difíceis. Não é possível marcar um prazo para o fim dos problemas. Vamos conduzir o País a um porto seguro"

que tem maior prestígio no exterior. "Ele faz contatos permanentes com outros presidentes, inclusive Clinton, está permanentemente informado. Nesse momento está calmo, sereno e

conduzindo o país com habilidade, dentro da turbulência". O vice-presidente garante que nenhuma das medidas que freqüentam os boatos, ultimamente será adotada: "não haverá

moratória, centralização de câmbio ou confisco de poupança".

Na análise do vice-presidente, o Brasil foi extremamente prejudicado pela queda ocorrida nas economias

asiáticas. Depois, pela moratória da Rússia. A política brasileira era a de, lentamente, trocar a âncora cambial pela reforma tributária, ao lado do ajuste fiscal. "Agora estamos tendo

que fazer tudo em curto prazo. Os analistas não percebem, mas o ajuste fiscal está praticamente todo votado. A convocação extraordinária no início de fevereiro vai abreviar ainda mais a votação, porque os prazos necessários para apresentação de emendas (dez sessões, no mínimo, para votar mudanças na Constituição) será contado dentro deste período. Todos os projetos deverão estar aprovados até o final de março".

Marco Maciel explica que os projetos de reforma política foram arquivados no Senado por questões técnicas. Quando o assunto não vai a plenário, não passa de uma legislatura para outra. Mas quando o Congresso retomar os trabalhos, a liderança do governo vai reapresentar cinco propostas: 1) fidelidade partidária — na prática impede o deputado federal de mudar de partido; 2) proibição de coligações partidárias — os partidos não poderão se associar e criar candidaturas além de suas respectivas legendas; 3) criação do financiamento público de campanha — o projeto pretende proibir os candidatos de utilizar recursos próprios nas campanhas; 4) instituir o voto distrital misto — o projeto deve criar o voto distrital e o voto de legenda. Nas eleições para deputado federal o eleitor votará duas vezes. No candidato do seu distrito e no candidato da lista do partido; 5) cláusula de desempenho — este é um dos assuntos mais polêmicos. Os partidos com baixo desempenho eleitoral, ou seja, menos de 5% dos votos válidos em no mínimo sete estados, não terão acesso ao horário gratuito de rádio e televisão. A ideia é aprovar os cinco projetos, que põem a chamada reforma política, até o final do ano.